

FIGURAÇÕES DA IMPORTÂNCIA DO LATIM NA OBRA A REPÚBLICA DOS BUGRES, DE RUY TAPIOCA

FIGURATIONS OF THE IMPORTANCE OF LATIN IN A REPÚBLICA DOS BUGRES BY RUY TAPIOCA

Cristiano Mello de Oliveira*

Camila Paula Camilotti**

RESUMO: O romance *A República dos Bugres* (1999), do escritor baiano Ruy Tapioca, revela-se uma forte ferramenta didática na articulação do latim com a língua portuguesa. Avulta nessa narrativa contemporânea uma profunda pesquisa linguística por parte do autor em escritores clássicos gregos e latinos. Este artigo pretende enfatizar a importância do estudo da língua latina por meio de algumas reflexões levantadas no próprio texto. Ao longo do presente trabalho, utilizamos como balizamento teórico os seguintes autores: Weinhardt (2008), Kotche (1995), Viaro (1999) e Carvalho (2007). As contribuições deste artigo buscam levantar um possível diagnóstico didático para o uso de romances como ferramenta lúdica no aprendizado do latim.

PALAVRAS-CHAVE: A República dos Bugres. Ruy Tapioca. Romance Contemporâneo. Didática. Latim.

ABSTRACT: *A República dos Bugres* (1999), by Ruy Tapioca in 1999, is an important teaching tool to articulate the learning of Latin and Portuguese. In this contemporary narrative the author carries out a comprehensive linguistic research of Greek and Latin writers. The present article aims at discussing the importance of learning Latin through some reflections that are highlighted in the text. In order to develop such analysis, authors such as Weinhardt (2008), Kotche (1995), Viaro (1999), and Carvalho (2007) were considered as the theoretical framework for the study. The contribution of this paper is to present a possible didactic use of novels as a playful tool to learn Latin.

KEYWORDS: A República dos Bugres. Ruy Tapioca. Contemporary Novel. Didact. Latin.

* Mestre em Literatura pela UFSC. Doutorando em Literatura pela UFSC. Pesquisador do CNPQ. E-mail: cariocacristianorj@hotmail.com

** Mestre em Literatura. Doutoranda em Estudos da Tradução pela UFSC. E-mail: camilapc5@gmail.com

ALGUNS PRESSUPOSTOS

É sabido que muitos escritores da prosa contemporânea brasileira enxergaram maneiras originais e audaciosas para compor suas narrativas literárias. No entanto, poucos professores de língua portuguesa sabem que a maioria dessas ficções romancesas usufrui de uma linguagem historicista e coberta de floreios estéticos da conjuntura histórica nacional. Deixado de lado, por mero desconhecimento ou simplesmente por rejeição de uma nova modalidade didática que atinge novos patamares de ensino em turmas do Fundamental e do Médio, tal assunto pode ser tema de muitas conversas polêmicas entre os profissionais de ensino sobre a aplicabilidade desses romances em sala de aula. Este é o caso de Ruy Tapioca com seu premiado livro *A República dos Bugres*, publicado em 1999.

Em linhas gerais, o romance *A República dos Bugres* é dividido em dez livros, totalizando a densidade de quinhentas e trinta páginas. Para cada livro existe uma mensagem simbólica que inicia o leitor, de forma convidativa, para o entendimento e ligação dos episódios narrativos. Cada documento citado funciona como alusão aos episódios que serão narrados. Os acontecimentos não são ofertados de maneira cronológica, tampouco condizem aspectos formais que remontem a uma preocupação de Tapioca em desvendar a densa trama travada. Pelo contrário, boa parte dos episódios é narrada de forma atemporal, exigindo, por parte do leitor, uma maior concentração e entendimento ao virar e revirar as páginas. Desse modo, Chegada da Família Real- Portugue-

sa (1808), Guerra do Paraguai (1864-1870), transição do Império para República (1889-1890), por exemplo, ocorrem de maneira diacrônica. Ou seja, são descortinados de forma não cronológica dentro do romance, apresentando indícios de uma densa novela coberta de capítulos.

Objetivamos, com este ensaio, examinar, ainda que brevemente, alguns aspectos relevantes a respeito da importância do latim no romance em questão. Assim, igualmente de forma breve, abordaremos também os aspectos históricos linguísticos referentes ao léxico, atentando o nosso olhar para o uso do latim em obras literárias, observando como esses termos, frases e expressões funcionam como recursos estilísticos na estruturação do romance.

DESENVOLVIMENTO

Remontando ao panorama histórico, devemos salientar que o latim foi um idioma falado pelos latinos, etruscos e sabinos; povos que viviam na região da Itália chamada de *Lacio* (*Latium*), que atualmente se delimita aproximadamente com a cidade de Roma. Da união desses três povos surgiu a civilização romana. Com efeito, a língua portuguesa teve sua origem no latim vulgar que os cidadãos romanos introduziram e disseminaram na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica. A cultura romana, narra a história, foi imposta e distribuída pelo mundo. Assim, o idioma latino enraizou-se em várias civilizações e originou as línguas neolatinas faladas atualmente, como o português, o espanhol, o francês, o romeno e o italiano, entre as

mais conhecidas. Logo, resgatar o legado que o latim trouxe por tempos em nossa forma de expressividade é fermentar uma história que ainda não acabou, pois perpassa por nossa cultura na medida em que reconhecemos suas influências e nos tornamos mais ágeis para lidar com nossa própria língua.

Inúmeros escritores ressaltaram a língua latina no contexto de suas obras literárias. Passando por Cícero, César, Virgílio, Horácio e Ovídio, entre muitos outros, esse contexto, densamente produtivo, foi fruto de descrições das guerras e dos acontecimentos políticos de época. Exemplo nítido disso tudo é a obra *Sátiras*, do poeta Horácio, que aborda questões éticas, como o poder destruidor e a ambição do homem, assim como a estupidez das decisões políticas e as contradições das condições sociais privilegiadas.

Nesse sentido, a referência às obras consultadas, boa parte estabelecida em notas de rodapé nas páginas do romance *A República dos Bugres*, indica a preocupação do autor em apresentar sua pesquisa e transferir ao leitor a responsabilidade da verificação. Dentro desse contexto erudito, é facilmente detectável o quanto a língua latina influenciou a nossa maneira de pensar, tendo em vista que a língua portuguesa herdou muito de suas características.

A estudiosa Marilene Weinhardt, no seu acurado ensaio “A República dos Bugres: a Atenas da América ou uma Botucúndia”, enfatiza o papel de Tapioca enquanto produtor letrado e adepto de árduas pesquisas para compor o seu romance histórico. Nesse ensaio, Weinhardt versa

características no romance que passam despercebidas ao leitor menos atento ou desinformado das novas formas do romance histórico moderno. Apesar de pecar pela falta de exemplificações, que melhor elucidariam esses aspectos, Weinhardt consegue sustentar boa parte de sua análise, tendo em vista o forte anseio de atender a estrutura do romance. Segundo Weinhardt, a personalidade de Tapioca assume o compromisso de “[...] um leitor constante e voraz, particularmente de autores da antiguidade clássica e do classicismo português, além de disposição para vasculhar documentos e fazê-los dialogar de uma forma que não é a de quem está condicionado pelas práticas metodológicas exigidas dos profissionais da história.” (WEINHARDT, 2007, p. 63). Ou seja, ao que tudo indica, a reflexão de Weinhardt endossa a responsabilidade de Tapioca em pesquisar profundamente as estruturas clássicas de escrita para desenvolver o seu romance. Outrossim, a pesquisadora reforça a ideia daquele romancista dedicado aos recursos da linguagem, bem como da pesquisa histórica realizada.

Por sua vez, o pesquisador Mário Eduardo Viaro, no seu artigo “A importância do latim na atualidade”, tece algumas importantes considerações sobre a valorização do latim nos meios de comunicação escrita e verbal. O estudioso versa especificamente a parte filológica da língua portuguesa e conjuga o seu olhar para as ramificações das palavras que utilizamos no nosso cotidiano, apresentando algumas exemplificações que respaldam o seu ensaio. Ao montar a problemática sobre a importância do latim

na atualidade, o autor responde entusiasticamente: “O latim serve-nos de trampolim para mergulhos mais profundos na nossa visão de mundo, no nosso modo de pensar, na nossa vida.” (VIARO, 1999, p. 8). Ora, como podemos observar, o latim significa também, ao modelo descrito por Tapioca no seu romance, uma forma de mergulhar no passado histórico da nossa nação. E, para encerrar o seu raciocínio o autor escreve: “Aquele que entende bem a mensagem que o latim passa em seus textos se questionará melhor e verá que antes de nossos valores, havia outros, muito distintos, mas perfeitamente coerentes, que merecem nossa admiração e respeito.” (VIARO, 1999, p. 8).

Retomando algumas formulações desse pesquisador, podemos verificar que a língua latina ainda continua sendo válida como bem precioso de aprendizagem da língua portuguesa falada. Preciosidade e, não, relíquia, como muitos a classificam, o certo é que muitas estruturas atribuídas aos vocábulos que utilizamos no nosso cotidiano são fruto da língua latina. Ao constatar essa finalidade importante para a compreensão da nossa língua materna, impõe também pensarmos numa abordagem didática literária, mesmo que o romance seja escrito em língua portuguesa, como é o caso da *República dos Bugres*. Dentro desse raciocínio, o pesquisador enfatiza essa abordagem e tenta, no seu artigo, construir uma averiguação desses fatores. Contudo, o seu trabalho não oferece incursões na literatura e nem ao menos direciona o olhar para aquilo que aqui estamos abordando.

Por um viés análogo, a pesquisadora Sandra Verônica Vasque Carvalho, no seu

artigo: “A importância do latim: passado ou presente?”, aborda os impasses da compreensão da língua latina na atualidade. Ao modo da investigação citada anteriormente, o artigo de Sandra Carvalho é recheado de exemplificações e esmiuçamentos da própria linguagem. Ao defender a relação intrínseca existente entre a língua portuguesa e o latim, a pesquisadora demonstra habilidade em reconhecer que o latim permanece vivo na nossa sociedade. Mesmo assim, a estudiosa faz questão de registrar o impasse travado: “Existem aqueles que defendem com veemência a relevância do entendimento dessa língua. Por outro lado, outros a veem como algo do passado, que deva ser pensado como parte da história, mas somente isso.”

CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS DO ROMANCE A REPÚBLICA DOS BUGRES

Por esse viés, acreditamos que o romance *A República dos Bugres*, do escritor baiano Ruy Tapioca, nos fornece uma conjuntura de língua histórica indispensável para os estudiosos da linguagem e da literatura. Mergulhado no arcabouço histórico daquela época, Tapioca antecipa uma série de frases, expressões e vocábulos que enriquecem o seu mosaico do Brasil dos Novecentos. Como já mencionamos, figuram os mais distintos acontecimentos de extrema importância nacional, entre eles: a chegada da Família Real Portuguesa, a Guerra do Paraguai e a transição do Império para a República. Amparado em textos de Virgílio e Sêneca, dentre outras figuras de rara envergadura de cunho clássico, Tapioca

demanda em seu primeiro romance uma série de artifícios retóricos que contribuem para a relevância da língua latina, tão pouco investigada nos tempos atuais. Portanto, ler documentos do passado com a intenção de reescrever a história de época, assim como desmistificar os fatos e episódios desses acontecimentos tão importantes, pressupôs para Tapioca a desmontagem dos signos da própria linguagem.

No entanto, o preenchimento das lacunas históricas é sempre validado pela justificativa do esquecimento involuntário. Nesse sentido, a literatura imaginativa estabelecida em *A República dos Bugres* prova que nem sempre o fato baseado no documento consultado pode ser passível de atitude verdadeira. Mesmo que o autor deseje lembrar esses episódios reconstituídos à base de intensa pesquisa, o esquecimento acaba sendo o mais cruel adversário que compartilha lado a lado com a sua inspiração. É a partir daí que entra o jogo especulativo da imaginação condizente com a verossimilhança daquele período. Ou seja, o romancista não exagera no grau ficcional e, sim, complementa todos esses detalhes à base de extrema responsabilidade autoral. O problemático é que, quando Ruy Tapioca resolve embrenhar o seu fio ficcional na tessitura do seu enredo, acaba compreendendo as particularidades do seu tempo contemporâneo. Em suma, marca assim o compromisso do sujeito com a própria história.

O que tempera esse enredo tão denso de capítulos e páginas é, então, o seu diálogo com outros livros e as múltiplas alusões ao contexto erudito estabelecido. Estes ganham em demasia ao serem sobrescritos e

problematizados de forma a construírem um diagnóstico de nação ainda emperrada nos seus obstáculos subdesenvolvidos. Segundo o estudioso Wilton Fred: “O sentido do termo nação estará intimamente ligado ao conceito de etnia, portanto, será impossível para os idealizadores da República – segundo os personagens que representam a elite em *A República dos Bugres* – visualizar, face às contradições da sociedade brasileira, uma nação capaz de se colocar ao par das nações europeias.” (FRED, 2005, p. 220). O mais obscuro detalhe é que o autor faz isso de forma tão majestosa que dificilmente fica nítido para o leitor a tentativa de desatar o “x” da questão. Embora percebamos a existência dessas variadas alusões eruditas, e as possamos comprovar por meio da leitura desses livros e fontes, não se pode destrinchar e estabelecer a linha limítrofe que as separa do eixo ficcional em relação ao referencial filosófico. Exemplo disso no texto? “Avalia, então, Senhor, a África que foi o tentar passar, para esses apoucados de cérebro, as doutrinas de Quintiliano, a filosofia de Epicuro, as meditações de Marco Aurélio, os textos de Sêneca, as matemáticas de Pitágoras e de Euclides, os versos de Camões, de Homero e de Virgílio [...]” (TAPIOCA, 1999, p. 17). Ora, como podemos verificar, as distintas referências clássicas alimentam o jogo erudito dos poetas gregos e latinos que rastreia a narrativa do romance, e acabam complementando o rol de sabedoria ofertada ao interesse do próprio leitor.

Não seria ingênuo afirmarmos que a obra *A República dos Bugres* nos fornece a presença de dois tipos de narradores. O

povoamento dessa estratégia narrativa é nítido no decorrer da leitura do romance, cada um sendo cúmplice dos acontecimentos que circulam, circunscrevendo todos os pormenores que os envolvem. O primeiro seria aquele que narra os episódios do romance, e poderíamos sumariamente denominá-lo: “narrador poético”. Já o segundo seria aquele que cuida dos afazeres históricos e dos termos em latim, como aqui estamos examinando, e poderíamos denominá-lo: “narrador erudito ou histórico”. Supostamente esse ficará responsável em aprofundar aquilo que já foi descrito pelo anterior. E, devemos salientar, ambos circulam nas linhas do denso romance, ou melhor, nas fissuras do romance, acabam caminhando de “mãos dadas”, tendo a devida complacência de um ajudar o outro, assim como mantendo independentes seus pontos de vista e seus ângulos de visão. Portanto, uma fértil abordagem que ousasse descodificar essa questão seria tarefa indispensável para aquele pesquisador mais curioso.

Se fôssemos aqui levantar as possíveis alusões literárias ou cinematográficas que existem na obra *A República dos Bugres*, poderíamos brevemente afirmar que o filme *Carlota Joaquina*, da cineasta Carla Camurati, entremeia os intertextos desse romance histórico com experiências e práticas vividas extraídas do cenário de época. Ou seja, a história não somente é narrada como fato verossímil e sem falhas, mas como foi de fato ou simplesmente poderia ter sido. Ao retratar o exílio da família real portuguesa, a cineasta carioca ousa em abusar do uni-

verso caricato e acirrado das brigas familiares entre D. João VI e a própria Carlota. Variadas vezes o cotidiano de época das reais e ficcionais personagens frente aos desafios é transcorrido entre o vai e vem necessário de apresentar situações imprevistas e pouco calculadas. Não foi por acaso que Camurati, possivelmente, precisou refazer toda a trajetória já traçada pelos portugueses na chegada ao Brasil, realizando algumas pesquisas para compor as cenas do filme e formular o roteiro, reforçando ainda mais a tese de época e período histórico já estabelecido para a produção desse mesmo filme.

Dentro desse mosaico de acontecimentos históricos, os episódios de *A República dos Bugres* contêm diversos trechos sarcásticos e irônicos que remontam ao panorama picaresco daquele romance mais descontraído, sem perder a erudição e a seriedade. Sem contar a série de adereços orais de baixo calão, remetendo a aspectos grosseiros de linguagem, que soam diferentemente e ampliam a visão de desestruturar a história idealizada e oficial, interligando a imagem do verdadeiro pastiche. Na pena de Ruy Tapioica, diversos fragmentos refazem essa trajetória: “- Não vou, João, não vou! Aquilo lá é terra de macacos e de canibais! (TAPIOCA, 1999, p. 37), em referência a situações polêmicas sobre o desconhecimento das terras brasileiras; “- Isso é de um ridículo profundo! Não existe um só português em toda História de Portugal! Todo português nasce e morre cagão!” (TAPIOCA, 1999, p. 362) - aqui o personagem faz uma crítica debochada e severa aos modelos dos protagonistas históricos de Portugal. São exemplos,

entre outros, que se somam durante a narrativa. Nesse sentido, podemos recuperar, oportunamente, a entrevista do estudioso Wilton Fred ao indagar Tapioca sobre a ironia presente nos seus textos, a que o escritor baiano responde: “Minha única intenção foi sempre produzir ficção, entreter o leitor com personagens convincentes e divertidos tendo como pano de fundo acontecimentos verídicos da História do Brasil. Claro está que também passei uma imagem ‘carnavalizada’ (Bakhtin) de tudo que se faz neste país, onde o futebol, o samba, a mulata saracoteante, a arbitrariedade e corrupção dos governantes [...]” (TAPIOCA, 1999, p. 226). Portanto, podemos observar que Ruy Tapioca se empenhou em reproduzir um Brasil mais extrovertido e levar à tona todo esse rol de situações sarcásticas.

Sem dúvida, foi através desse pano de fundo histórico e documental que o autor de *A República dos Bugres* conseguiu observar, através de suas marcas pessoais, todo um roteiro de testemunhos para fins de elaboração da sua obra artística. O contexto histórico-político dos Novecentos serviu como cenário para formular as incongruências do Brasil de época. Dessa forma, recolheu variados materiais que lhe interessavam e pudessem ser aproveitados para a confecção de suas ficções.

Diversos acontecimentos fizeram o cenário de fundo de alguns enredos de outros romances de sua autoria: em *O proscrito* (2004), teremos a narrativa do protagonista, um ex-integrante de navegação da frota de Pero Vaz de Caminha, chamado Pero Grã Verga Pinto Albaralhão; em *Admirável Bra-*

sil Novo (2005), teremos o cenário utópico e futurístico no ano de 2045 da cidade do Rio de Janeiro; em *O senhor da palavra* (2008), teremos o cenário sombrio dos jesuítas, especificamente um tenebroso diálogo entre o padre Antônio Vieira e a figura do diabo; em *Conspiração Barroca* (2011), teremos o palco especulativo, acirrado e político da Inconfidência Mineira, incluindo os mistérios das cartas dos inconfidentes.

Enfim, essa tapeçaria romanesca acaba condicionando um olhar mais interrogativo e problemático que visa sondar os possíveis liames históricos que Tapioca tanto abarcou durante sua carreira literária. Portanto, é possível compreender que o escritor Ruy Tapioca colecionou, por longa data, variados jornais e documentos de época, com a finalidade de reproduzir e arquivar para *posteriori* algo que pudesse reaproveitar em seus escritos.

Não obstante, poderíamos afirmar que, na obra *A República dos Bugres*, o narrador consegue com que a polêmica dos fatos históricos sirva de apetrecho indispensável para uma excelente narrativa. Dentro desse reservatório, inúmeras passagens adentram no jogo do fazer literário-histórico. “Pudesse eu contar a história real dos fatos e acontecimentos, tal como efetivamente sucederam, e não como relatada nos fólios oficiais [...]” (TAPIOCA, 1999, p. 30). Ora, o terreno de impasses enfrentado pelo narrador evidencia a problemática existente na tessitura textual do romance, gerando desdobramentos sobre a veracidade dos fatos ou o simples preenchimento das lacunas. Poucas linhas adiante o narrador reflete de

maneira análoga: “Tivesse eu ainda forças para contar a História deste país, que vivi de corpo presente, tão diferente da exarada nos livros.” (TAPIOCA, 1999, p. 30). Novamente, nesse excerto, o leitor verifica uma espécie de autoconfissão sobre o assunto. Enfim, ambas as passagens, e muitas outras que perpassam o restante das páginas do romance, inquietam o leitor por essas questões.

Um aspecto de tamanha relevância para que o leitor possa compreender os aspectos ficcionais contidos no romance *A República dos Bugres* seria a forma conteudística representada pela linguagem picaresca. Diferentemente dos romances da linguagem histórica contemporânea, Ruy Tapioca ousou nos aspectos irônicos acoplados à envergadura do sujeito mau caráter, já inaugurado por Mário de Andrade no seu *Macunaíma*. Diversos críticos da literatura brasileira já se debruçaram em tentar compreender as características da personalidade do sujeito pícaro. Segundo Flávio Kotche: “O pícaro não é um herói a representar, como o épico, valores positivos, com os quais o leitor se identifica: ele é antes antítese do que tese ou síntese.” (KOTCHE, 1995, p. 416). Erudição coberta de aproximações literárias comparativas e, ao mesmo tempo, uma excelente sugestão investigativa para aprofundarmos novas perspectivas sobre o romance em questão. Logo depois o crítico complementa tal reflexão: “Ele é objeto de riso, para que se possa rir de grupos e instituições sociais mais importantes. Há uma brutalidade nas violências e nas degradações que são feitas pelo pícaro e contra ele,

a qual impede que este possa ser realmente identificado com ações populares.” (idem, p. 417). Como podemos observar nos trechos extraídos, Kotche não fecha nem define sua análise, embora seja necessário, mas deixa algumas reticências para um profundo questionamento sobre essa forma literária tão vinculada à personalidade do brasileiro.

Outro fator essencial para compreender as linhas desse denso romance é o entendimento das alusões construídas em relação ao contexto histórico. Inúmeras vezes, Tapioca ousa na capacidade criativa de inventariar trechos que evoquem personalidades de outras esferas do conhecimento daquele leitor comum. Obviamente que o leitor não precisa ser um historiador fanático para ler esse romance, mas uma compreensão global dessas referências ajuda bastante. Exemplo? É quando o personagem ousa dizer a seguinte frase: “- Consultar o povo, capitão? Onde vossemecê quer chegar com esses preciosismos? Não se pede a opinião de quem não o tem! E o Brasil lá tem povo?” Aqui nesse episódio fica nítido a forte alusão a frase de Aristides Lobo, dizendo que o povo assistiu bestializado a proclamação da República. Portanto, é considerável admitirmos que a obra *A República dos Bugres* exige um leitor mais preparado a esse tipo de referências que somente podem ser interpretadas pelos conhecimentos prévios de História do Brasil.

ANÁLISE DAS FRASES E EXPRESSÕES LATINAS NO ROMANCE *A REPÚBLICA DOS BUGRES*

Como já mencionamos em trechos anteriores, o romance *A República dos Bugres*

atinge um grau de intertextualidade muito curioso com as expressões e vocábulos de origem latina. Boa parte dessas citações auxilia na caracterização do protagonista Quincas de forma a destacar a influência da língua latina naquela sociedade representada. Patente, portanto, está a preocupação com a escrita e a utilização dos termos em latim nesse romance. Essa clivagem linguística artística é igualmente manifesta no tempo histórico, que perpassa as páginas da obra. Ao escolher os devidos vocábulos latinos para o seu romance, Tapioca burila a linguagem de maneira retórica, ganhando tanto no aspecto estético quanto no aspecto conteudístico. Tapioca compõe um verdadeiro mosaico erudito de clássicos gregos e latinos, sem falar no conjunto de citações escolhidas com o leve toque de escritor sensato, que perpassa boa parte de suas linhas. Para fins de análise, por enquanto sublinharemos apenas aqueles trechos que mais dialogam com os outros excertos da narrativa, sem a intenção de esgotá-los.

No fragmento adiante iremos encontrar uma passagem, dentre tantas outras, de beleza ornamental, revigorando o tônus das frases e expressões anteriores. O trecho que segue guarda anseios do imaginário popular, realizando uma espécie de crítica aos nossos modelos nacionalistas. O narrador retoma um olhar tão enfatizado sobre a problemática histórica da ausência popular nas decisões nacionais. Mesmo ressaltando a precariedade já estabelecida durante décadas perpassadas, existe por trás disso uma esperança em angariar o otimismo delirante da nossa própria raça. Vejamos alguns detalhes:

Como a imaginação desse povoléu é inventivamente ufanista e apologética da própria raça.... Aí, minhas encomendas! **“Veritas temporis filia ...** (TAPIOCA, 1999, p. 52)

A frase negritada em questão aloja uma ideia de continuidade do pensamento do narrador. *Veritas* = verdade. Isso quer dizer “em tempos de Aristóteles” – intuição da historicidade do pensamento no Estagirita. Um tempo da verdade. A verdade é filha do tempo (ainda que tardia). Além disso, o excerto angaria o olhar daquele leitor voltado a diagnosticar as possíveis razões da nossa descrença política, reforçando que o grau nacionalista completa a envergadura voltada a descrever o progresso das questões levantadas por Tapioca. O léxico é proposital para completar a irreverência causada pelas particularidades do próprio enredo, assim como o seu possível aproveitamento para ser realizada uma estratégia didática de trabalho. As reticências, de natureza proposital, abrem caminhos de interpretação ao leitor menos acostumado a tirar suas devidas conclusões.

Adiante teremos uma profunda reflexão sobre os pressupostos que seguem as nossas raízes tropicais. Vejamos os detalhes:

De São Dimas não há que cogitar: sendo o Brasil uma terra de ladrões, aquele misericordioso e piedoso santo (apesar da indecorosa vida terrena que levou, por força da ignominiosa ocupação que abraçou) deve viver, coitado, em permanente estado de sobreaviso para com seus protegidos brasileiros... **Solamen**

miseris sócios habuisse malorum.
(TAPIOCA, 1999, p. 64).

O fragmento citado armazena uma acurada reflexão sobre as mazelas das raízes brasileiras. Ao citar o nome do santo “São Dimas” o narrador deseja ser polêmico e diagnosticar em grau pessimista a nossa bagagem caótica. A citação latina acima é extraída do filósofo Spinoza e significa: “É um consolo para os desgraçados terem companheiros de infortúnio.” A explicação é retórica e completa a carga de alusões ao contexto religioso.

Em outro episódio teremos o narrador do romance tentando elucidar a intervenção militar no regime monárquico. O acontecimento narrado é justificado por algumas digressões que buscam elucidar para o leitor os impasses travados entre os militares e a corte portuguesa. Notamos também nessas linhas, criativamente elaboradas, uma forte conotação que reforça o cômico e o aspecto que alimenta o engodo do exército brasileiro. Novamente, Tapioca insere a citação latina como forma explicativa ao contexto elaborado, tentando dar uma luz alusiva ao conteúdo que segue. Vejamos os detalhes:

Os militares brasileiros (não tivessem sido educados por portugueses) são capazes de guerras façanhudas para defender a pátria e o território nacional, mas tudo por causa de moscas. **Máxima bella. Ex levibus causis.** (TAPIOCA, 1999, p. 66).

Do trecho extraído é possível identificarmos numa rápida leitura o grau de irreverência ao contexto mencionado. O uso dos ‘parênteses’ ocorre como fator explica-

tivo e ousando estrategicamente transferir a culpa da nossa inércia militar aos portugueses. A frase latina significa “As maiores guerras surgem de causas pequenas.” É óbvio que isso comporta um jogo ideológico e uma maneira criteriosa de julgar a nossa incapacidade de defesa. Aqui também ocorre uma profunda denúncia da finalidade das forças armadas em tempo de paz ou quase isso. Certamente, o narrador desejou causar polêmica e evidenciar a nossa ineficácia/inoperância bélica militar.

No próximo evento citado, estaremos diante de um episódio que posterga um olhar em primeira pessoa densamente marcado pelo efeito nostálgico da idade avançada do personagem Quincas. O modo subjetivo remete a imaginarmos um depoimento coberto de reflexões voltadas a realizar uma espécie de balanço social vivido naquele período do século XIX. Além disso, a comunhão sentimental ofertada aos fatos contados de sua vida enrijece de maneira verossímil o conteúdo daquilo que é dito. Vejamos os detalhes:

Faço tanta falta ao mundo quanto uma viola num enterro... Nestas tristes horas em que cai a alma a uma banda, procuro confortar-me com o grande Horácio: **Aequam memento rebus in arduis servare mentem.** (TAPIOCA, 1999, p. 89).

No excerto citado, é identificado pelo próprio autor do enunciado: ele busca recuperar as palavras do poeta latino Horácio (“Lembra-te de conservar o ânimo tranquilo nas situações difíceis.”), para referenciar suas possíveis angústias criativas. Como

podemos verificar, a economia textual exerce uma vigilância por parte do narrador sobre o que deve ser contado e, sequencialmente, deve ser transformado em conteúdo literário. Já a primeira frase em grau comparativo remete a uma forma um pouco nefasta e depressiva. A escolha é importante para resgatar grandes expressões eruditas. Os parágrafos dessa passagem são longos, feitos de associações inquietantes, caracterizado por um estilo relativamente retórico. Posteriormente a esse excerto, o episódio vai ganhar o devido tônus biográfico do protagonista Quincas, ocasionando a sua consciência em tom vaidoso dos frutos que plantou e colheu ao longo dessa trama complexa e polêmica da nossa história nacional.

CONCLUSÕES DO ESTUDO

É de conhecimento geral que muitos professores de literatura ou de língua portuguesa não fazem uso do latim nem mesmo instigam os seus alunos no aprendizado lúdico do tema. Parece tarefa impossível de ser concretizada em sala de aula. Controvertidas são as inúmeras desculpas ou mesmo a preguiça de não se praticar um exercício que certamente acrescentaria melhorias no estudo da língua materna. Obviamente que não devemos caracterizar isso de forma generalizada, mas se nosso foco foi desmistificar esse mau entendimento, o certo é que tentamos lançar a semente para que essa abordagem possa render bons frutos no ambiente escolar. É lícito concluir, portanto, que a língua latina deve ser uma ferramenta indispensável para a construção sóli-

da de uma coerente cidadania, podendo ser utilizada na escrita de romances históricos, como é o caso da obra *A República dos Bugres*.

Tentamos ao longo desse artigo perfar a importância da utilização dos termos em latim numa obra literária. Acreditamos que com essa articulação linguística o autor Ruy Tapioça aderiu a uma linhagem sofisticada para concretizar seus escritos e, conseqüentemente, adquirir os foros de originalidade. Nesse sentido, cremos que conseguimos provar que uma abordagem didática desses aspectos por parte do professor de língua portuguesa pode muito bem criar inúmeros desdobramentos no campo de sua disciplina. Certamente, o corpo docente irá tomar gosto e curiosidade ao assunto aqui tratado, levantando a valorização da língua latina nos estudos atuais. Vimos, pois, alguns aspectos estruturantes do próprio enredo do romance, assim como suas principais características. Analisamos preliminarmente em que medida o romance incorpora e pratica uma envergadura para o potencial erudito.

REFERÊNCIAS

- CARLOTA JOAQUINA. **Princesa do Brasil**. Direção Carla Camurati. Elmar Produções, 1994.
- CARVALHO, Sandra Verônica. A importância do latim: passado ou presente? Disponível em: < <http://apl.unisuam.edu.br/semiosis/textos/2/sandra.pdf>> Acesso em: 20 fevereiro 2012. **Semiosis**, v. 2, p. 2, 2007.
- FRED, Wilton Cardoso de Oliveira. **Imaginários de nação no romance brasileiro contemporâneo: os rios inumeráveis e a**

República dos Bugres. Florianópolis: UFSC, 2005. (Tese de doutorado).

KOTCHE, Flávio. **O cânone imperial**. Brasília: UnB, 2000.

TAPIOCA, Ruy. **A República dos Bugres**. São Paulo: Rocco, 1999.

_____. **O proscrito**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. **Admirável Brasil Novo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VIARO, Mário. A importância do latim na atualidade. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, São Paulo, Unisa, v.1, n.1, p.7-12, 1999.

WEINHARDT, Marilene. **A República dos Bugres**: a Atenas da América ou uma Botucúndia. Portuguese Cultural Studies. Disponível em: < [www2.let.uu.nl/solis/psc/p/.../P1 Weinhardt.pdf](http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/.../P1_Weinhardt.pdf)> Acesso em: 15 fevereiro 2012.

Recebido para publicação em 19 jun. 2012.

Aceito para publicação em 19 dez. 2012.